

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES CULTURAIS

Universidade de São Paulo
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES

EDIVAL JULIO DE A. PESSOA
Assistente Técnica para Assuntos Acadêmicos

Discurso de posse do

PROF. DR. JULIO GARCÍA MOREJÓN

na Direção da Escola de Comunicações Culturais

Outubro, 13

1966



São Paulo (Brasil)

1967

Magnífico Reitor, senhores membros do egrégio Conselho Universitário, autoridades presentes, ilustres colegas, queridos estudantes, senhores membros do corpo diplomático, imprensa, rádio, cinema e televisão, senhoras e senhores:

Elevam-me, muito cedo, a um pôsto que deveriam ocupar homens de maior capacidade e experiência. Aventura e risco da juventude, que o futuro se encarregará de julgar. Mas a vida exige risco e valentia. A certeza, a covardia, o medo não conduzem a pôrto seguro. Oferecendo-me a tarefa de dirigir a empresa universitária que, a partir de agora, dirigirei, pensou-se mais na profunda dose de vocação e de entusiasmo que, segundo julgam os que me apontaram, me caracteriza do que em minha competência administrativa pròpriamente dita, que é limitada. Creio que, mais tarde ou mais cedo, a vida nos põe em face de responsabilidades que consideramos superiores às nossas forças. Mas quem se esconde, envolto na covardia, não é digno de participar das glórias do futuro, se glórias nos esperam. O olhar sempre fixo no alvo do horizonte, cume dos anseios dos bandeirantes do porvir. Submetem-me a uma difícil prova. E lanço-me a enfrentar tão delicada responsabilidade com o nobre propósito de não trair as esperanças que em mim depositam hoje o Magnífico Reitor e os ilustres membros do egrégio Conselho Universitário.

Quando há pouco mais de um ano, aceitei o convite do Magnífico Reitor para fazer parte da Comissão que elaborou os estudos preliminares da nova Escola de Comunicações Culturais da nossa Universidade, vislumbrada tempos atrás pela clarividente inteligência de Armando de Salles Oliveira e concretizada por Luís Antônio

2

da Gama e Silva, jamais suspeitei chegasse um dia a dirigi-la. Aceitei aquêle honroso convite como o faria qualquer colega do setor humanístico da Universidade, se para tal houvesse sido chamado: por tudo aquilo que esta Escola representará como elemento verdadeiramente integrador e formador de consciências universais de cultura, num Brasil cujo destino está escrito: crescimento e perfeição, humanidade e riqueza, progresso e cultura.

Esta vontade de integração, através dos sedimentos humanos e culturais que destila nosso complexíssimo sistema universitário, é, cada dia, mais palpável e urgente. O excessivo tecnicismo, o frio conceptualismo e abstracionismo da investigação pura, tão necessária e transcendental, certamente, para prover de alimento aos labirintos de cultura, a estreita visão de muitos dos que se dedicam a uma exclusivista super-especialização, sufocam o desenvolvimento das restantes faculdades do homem, que são as do espírito na sua mais profunda e completa acepção. Não nos esqueçamos do principal: a construção do homem integral, em tôdas as suas dimensões, essência e potência, alma e corpo, inteligência e coração. É êste o nosso trabalho. Diante da atomização cada dia maior de determinados setores da Universidade — o que se está procurando corrigir com urgência —, daqueles que pensam numa ciência obscura e egoísta, o desejo de repartir os dons do espírito e a humanização de tôdas as inquietações dentro de uma cultura genuinamente original e nacional, mas sem fronteiras. Que o geólogo compartilhe os horizontes do médico, salvaguardadas as diferenças profissionais óbvias; que o jurisconsulto participe do universo do biólogo, o engenheiro do cosmos do artista, o estudante — a melhor semente do progresso — dos desvelos e angústias do professor, e a sociedade, em geral, à que todos pertencem, desde o mais humilde operário até o homem de empresa e o intelectual, das responsabilidades e atitudes daquilo que deve ser paradigma de seriedade e competência: a Universidade.

Com estas idéias, entrego-me humildemente a uma obra de cultura que tem que ser feita por todos, pois esta nova Escola tem o dever de colocar-se no centro da Universidade, a fim de contribuir para a aglutinação de todos os setores. E de todos espera uma parcela de compreensão e ajuda. Fora e dentro da Universidade, uma vez que não podem permanecer alheios a esta obra os homens que têm nas mãos o poder dos meios de comunicação de massas.

Permitam-me aduzir um dos mais belos capítulos que se escreveram sobre a missão da Universidade, o discurso que o grande filósofo e ensaísta Ortega y Gasset dirigiu, em 1930, a professores e estudantes universitários. Não há nele uma linha sequer que não se aplique, integralmente, à nossa hora. Relendo-o há pouco, vejo-me tentado a reproduzir alguns dos seus conceitos.

Propõe Ortega a questão fundamental da Universidade respondendo aos gritos de reforma que se faziam ouvir naqueles momentos na Europa, semelhantes aos que hoje escutamos entre nós. E diante daqueles que afirmam que é necessário tomar como modelo instituições estrangeiras, de reconhecidos méritos, acentua que não importa que, mais tarde ou mais cedo, "cheguemos às mesmas conclusões e formas de outros países; o importante é chegar até elas por nós mesmos, após combate pessoal com a própria questão substantiva". Ou seja, é preciso buscar caminhos próprios da nossa autenticidade universitária, que em nosso caso deve ser especificamente brasileira com dimensão universal. Que venha de fora a informação, mas não o modelo.

Eis um dos princípios que teremos em mente ao colocar-nos diante de uma instituição universitária completamente nova no horizonte da Universidade de São Paulo. Uma instituição que foi criada para preencher um imenso vazio, a ausência, na mais importante e promissora Universidade ibero-americana, de um centro destinado a tornar possível a integração real de todos os setores da nossa ciência e da nossa cultura em proveito da sociedade em geral e do homem em particular. "Como poderei falar do mar com a rã que não sai de seu charco? Como poderei falar do gelo com o pássaro estival que ficou retido na sua estação? Como poderei falar com o sábio acerca da vida se ele é prisioneiro da sua doutrina?". Eis a lição de Chuang Tse, filósofo chinês do século IV antes de Cristo.

Com esta finalidade vem ao mundo uma das mais arriscadas e complexas Escolas Superiores da nossa Universidade. Talvez a mais complexa, porque é a mais atual e, por conseguinte, a mais audaz e compromissada, a mais facilmente sujeita a qualquer crítica. E a crítica imediata, como se sabe, é necessária e pode ser eficaz e construtiva, mas, com frequência, é apaixonada e incompreensiva. Esta nova Escola pretende preencher aquele vazio que Ortega, ao final de seu discurso, denunciava, dizendo que a Universidade tem que ser,

4
primeiro, uma série de coisas, já bastante conhecidas, mas que tem que ser, **além disso**, outra muito importante. "Não só necessita de contato permanente com a ciência, sob pena de estagnar-se. Necessita também de contato com a existência pública, com a realidade histórica, com o presente, que é sempre um **integrum**, e só se pode tomar na sua totalidade e sem amputações **ad usum delphinis**. A Universidade tem que estar bem aberta à plena atualidade; ainda mais: tem que estar no meio dela, submersa nela".

Porque, finalmente, se entendeu isto; porque a Universidade deve intervir na atualidade e contribuir para o aperfeiçoamento dos sistemas que a improvisação e o pseudo-intelectualismo deformam — e a Universidade até agora pecou por omissão —; porque se deve colocar o professor, o estudante e a sociedade dentro de uma vida culta e dinâmica, numa perspectiva integral, com serenidade e firmeza, com essa disciplina e desinteresse que só uma Universidade bem aberta pode oferecer; por tudo isso, fundou-se esta Escola. O Magnífico Reitor e o nosso Conselho Universitário transformaram sãbiamente em realidade a aspiração de uma sociedade que pretende ser cada vez mais culta: Todos nós temos consciência dos erros que, diàriamente, se cometem no mundo, e em nosso jovem e querido País, em particular, por falta de sistematização, rigor, disciplina, seriedade e formação intelectual dos meios técnicos de comunicação, ou, melhor, dos homens que manejam êstes instrumentos, tão úteis quando bem empregados, tão perigosos quando mal compreendidos e usados. E todos nós exigimos — **vox populi** — um veículo perfeito e responsável de comunicação cultural. Só os imediatistas desejam a degradação desta poderosa força. Mas o resto tem fome de conhecer, de saber. O homem é um animal político, no estrito sentido aristotélico, não naquele que esta palavra foi adquirindo através do tempo. É um animal social, com gigantesca carga de razão e afetos, de paixão e lógica, de pensamento e coração, de ambições e limitações. E a curiosidade o invade. Quer saber tudo imediatamente, e o amanhã sepultará o hoje. Mas algo fica, a cultura. Por isso devem-se oferecer as coisas sem deformação, sem o toque escabroso, sem segundas intenções. Devemos aperfeiçoar nossos meios de comunicação, dando-lhes dimensões mais belas e universais, formando melhor a mente e a alma dos que um dia terão nas mãos êsses meios tão poderosos de integração social. que se

chamam o jornal, o rádio, o cinema, a televisão, o teatro e as artes em geral, entre outros.

Não poderia deixar de sublinhar em meu discurso — no qual não pretendo dogmatizar, pois seria um mal comêço para uma boa empresa — a importância dos últimos parágrafos do capítulo orteguiano sobre a missão da Universidade, no que se refere à situação do jornalismo atual. Estenda-se o significado dos conceitos que vêm a seguir à função dos restantes órgãos de comunicação cultural. “Não gostaria — diz — de importunar os jornalistas em dose apreciável. Entre outras razões, porque talvez eu não seja senão um jornalista. Mas é ilusório fechar-se à evidência com que se apresenta a hierarquia das realidades espirituais. Nela ocupa o jornalismo posição inferior. E acontece que a consciência pública não recebe hoje outra pressão nem outro mando que não os que lhe chegam dessa espiritualidade ínfima extravasada nas colunas do jornal. Amíúde é tão ínfima, que quase não chega a ser espiritualidade; que de certo modo é anti-espiritualidade. Por relaxamento de outros poderes, o jornalista ficou encarregado de alimentar e dirigir a alma pública, êle que é não só uma das classes menos cultas da sociedade presente, mas também que, por causas, espero, transitórias, admite em seu grêmio pseudo-intelectuais frustrados, cheios de ressentimento e de ódio para com o verdadeiro espírito. Já sua própria profissão leva-os a entender por realidade do tempo o que momentaneamente faz barulho, seja o que seja, sem perspectiva nem arquitetura. A vida real é, certamente, pura atualidade, mas a visão jornalística deforma esta verdade, reduzindo o atual ao instantâneo e o instantâneo ao barulhento. Eis porque na consciência pública o mundo aparece hoje sob uma imagem rigorosamente invertida. Quanto mais importância substantiva e perdurante tenha uma coisa ou pessoa, menos falarão dela os jornais, e, em troca, destacarão nas suas páginas o que esgota a sua essência pelo simples fato de ser um “sucesso”, e dar lugar a uma notícia”.

Para corrigir isto “a Universidade tem que intervir na atualidade como Universidade, tratando os grandes temas do dia do seu próprio ponto de vista — cultural, profissional ou científico. Dêste modo não será uma instituição só para estudantes, um recinto *ad usum delphinis*, senão que, medida no meio da vida, de suas urgências, de suas paixões, há de se impor como um “poder espiritual” superior

diante da Imprensa, representando a serenidade diante do frenesi, a rigorosa agudez diante da frivolidade e a franca estupidez”.

Cabe ou não cabe à Universidade esta missão? Enquanto não exista um organismo com maior poder pedagógico, caberá à Universidade formar os homens que se destinam ao manejo das modernas técnicas de comunicação. E a Universidade que se omitir, pecará, e as conseqüências poderão ser mais dolorosas algum dia.

Uma Escola como a que se acaba de criar deve colocar-se com valentia no meio da Universidade e da sociedade, lutando com tôdas as forças possíveis para que cada homem entenda a linguagem do irmão e companheiro. Que encontre eco entre todos aquilo que verdadeiramente deve encontrá-lo. Que triunfe a cultura, porque triunfará o homem e a civilização. Que o mundo, em geral, e o Brasil, em particular, progridam e se salvem. Porque, hoje, senhores, a luta, no fim das contas, não é mais luta de salvação pessoal, mas, sim, de salvação integral.

Não posso concluir estas palavras sem prestar uma singela mas fervorosa homenagem a uma ilustre dama paulista, a excelentíssima senhora dona Eddy Mattos Pimenta da Gama e Silva, que contribuiu como ninguém para a criação desta Escola. Licenciada em Sociologia pela minha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, compreendeu o que uma Escola como esta representará na Universidade de São Paulo, não só do ponto de vista da integração dos seus diferentes Institutos, mas também do ponto de vista do aperfeiçoamento e do avanço de nossa sociedade. E não mediu esforços para que tal obra chegasse ao ponto em que neste instante está chegando. Agradeço também, de todo coração, a expressiva votação com que os ilustres membros do egrégio Conselho Universitário me honraram e, em particular, o apoio daqueles que representam a minha Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras neste Conselho. Por último, agradeço profundamente a confiança que o Magnífico Reitor desta Universidade, Prof. Dr. Luís Antônio da Gama e Silva, em mim depositou. Não fôra por seu decidido gesto de compreensão dos grandes problemas universitários, esta Escola não seria tão cedo uma realidade. Muito obrigado.

Data de aquisição	28/2/91	Preço -
Fornecedor	- d. M. Teusa (bibliot.)	
Valor por de		
Classificação	F 89	x

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
BIBLIOTECA**

F89

García Morejón, Julio
Discurso de posse do Prof. Dr. Julio
García Morejón na Direção da Escola de
Comunicações Culturais, outubro, 13, 1966

01-003-07

DEDALUS - Acervo - ECA



20100033153